

Linguagem conotativa – Figuras de Linguagem

E	U	
P	A	S-
S	O	

	T	U
P	A	S-
S	A	S

E	L	E
	R	A-
L	A	

Linguagem conotativa – Figuras de linguagem

- 1.** O trocano ribombou, derramando longe pela amplidão dos vales e pelos ecos das montanhas a pocema do triunfo.
Os tacapes, vibrados pela mão pujante dos guerreiros, bateram nos largos escudos retinindo. Mas a voz possante da multidão dos guerreiros cobriu o imenso rumor clamando:
- Tu és Ubirajara, o senhor da lança, o vencedor de Pojucã, o maior guerreiro da nação tocanim.
(...)
Quando parou o estrondo da festa e cessou o canto dos guerreiros, avançou Camacã, o grande chefe dos araguaia.
(...)
Assim falou o ancião:
- Ubirajara, senhor da lança, é tempo de empunhares o grande arco da nação araguaia, que deve estar na mão do mais possante. **Camacã o conquistou no dia em que escolheu por esposa Jaçanã, a virgem dos olhos de fogo, em cujo seio te gerou seu primeiro sangue. Ainda hoje, apesar da velhice que lhe mirrou o corpo, nenhum guerreiro ousaria disputar o grande arco ao velho chefe, que não sofresse logo o castigo de sua audácia. Mas Tupã ordena que o ancião se curve para a terra, até desabar como o tronco carcomido, e que o mancebo se eleve para o céu como a árvore altaneira. Camacã revive em ti; a glória de ser o maior guerreiro cresce com a glória de ter gerado um guerreiro ainda maior do que ele.**

(ALENCAR, José de. *Ubirajara*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1984, p. 31-2)

Vocabulário:

- pocema: canto selvagem, clamor.

Quais as expressões empregadas por Alencar para definir a velhice de Camacã? Que figura de linguagem está contida nessas expressões?

- 2.** Os bons vi sempre passar
No Mundo graves tormentos;
E pera mais me espantar
Os maus vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.

Cuidando alcançar assim
O bem tão mal ordenado,
Fui mau, mas fui castigado,
Assim que só pera mim
Anda o Mundo concertado.

(Luis de Camões: Ao desconcerto do Mundo. In: Rimas. Obra Completa. Rio de Janeiro: Aguilar Editora, 1963, p. 475-6)

Este curto poema de Camões compõe-se de partes correspondentes ao destaque dado às personagens (o eu poemático e os outros). Quanto ao significado, o poema baseia-se em antíteses desdobradas, de tal maneira trançadas que parecem refletir o “desconcerto do mundo”. Posto isso,
Identifique a antítese básica do poema e mostre os seus desdobramentos.

- 3.** O soneto abaixo, de Machado de Assis, intitula-se “Suave mari magno”, expressão usada pelo poeta latino Lucrécio, que passou a ser empregada para definir o prazer experimentado por alguém quando se percebe livre dos perigos a que outros estão expostos:

Suave mari magno

Lembra-me que, em certo dia,
Na rua, ao sol de verão,
Envenenando morria
Um pobre cão.
Arfava, espumava e ria,
De um riso espúrio* e bufão,
Ventre e pernas sacudia
Na convulsão.
Nenhum, nenhum curioso
Passava, sem se deter,
Silencioso,
Junto ao cão que ia morrer,
Como se lhe desse gozo
Ver padecer.

*espúrio: não genuíno; ilegítimo; ilegal; falsificado. Em medicina, diz respeito a uma enfermidade falsa, não genuína, a que faltam os sintomas característicos.

- a) Que paradoxo o poema aponta nas reações do cão envenenado?
- b) Por que se pode afirmar que os passantes, diante dele, também agem de forma paradoxal?
- c) Em vista dessas reações paradoxais, justifique o título do poema.

Gabarito

1. As expressões são as seguintes: “...da velhice que lhe mirrou o corpo”; “...que o ancião se curve para a terra até desabar como o tronco carcomido.”
A figura de linguagem contida nessas expressões é a comparação.
2. A antítese se dá entre bem e mal (ou bons e maus). No poema, os bons sofrem (graves tormentos) enquanto os maus vivem em contentamentos. Esse é o desconcerto de que Camões fala.
3. a) O paradoxo consiste na coexistência da dor com o riso no momento da morte.
b) O paradoxo consiste no prazer diante da dor alheia.
c) O título do poema refere-se ao prazer experimentado por alguém quando se vê livre de dores e tormentos causados a outros. Sendo assim, o poema desenvolve a tópica de que a dor alheia causa prazer, exatamente porque quem a contempla não a está sentindo – como a dor de um cão moribundo que despertava prazer nos que passavam.